



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

DIÁLOGO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO HUMANA DO ALUNO

Autor: Farbênia Kátia Santos de Moura (1); Co-autor: Daniela Fernandes Rodrigues (1);

Orientador: Professor Dr. José Olivenor Souza Chaves

(Universidade Estadual do Ceará – UECE / Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM / Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC / Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino - MAIE)

katiasantos.santos@yahoo.com.br

dani.daniela87@gmail.com

Resumo

O presente artigo ressalta o papel do professor na formação humana do aluno, tomando por base os pensamentos de Freire, Arroyo e Gramsci, que mesmo não tendo escrito somente aos professores, deixaram escritas suas teorias que servem bastante de embasamento para a prática pedagógica dos mesmos. Os pensamentos destes autores são muito abrangentes e dão conta de vários aspectos que são necessários para o fazer docente, no entanto, neste trabalho, o foco será na formação humana do aluno, tendo o professor como mediador neste processo. Far-se-á um diálogo entre estes autores, a partir das respectivas obras: *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Docente* (1996), *Currículo, território em disputa* (2013), *Gramsci e a escola* (1988) e *A escola de Gramsci* (2010), pois estes trazem à tona questões referentes à formação humana do ser, da conscientização, da superação do senso comum, do valor que se tem as experiências sociais, entre outras. Objetiva-se com este artigo, refletir sobre a importância do papel do professor na formação humana do aluno, sendo sujeito ativo e mediador neste processo e discutir sobre a formação do próprio professor como instrumento crucial nesta construção. Portanto, a preocupação de provocar tal reflexão acerca desta temática, se faz jus na realidade. Subentende-se que, a escola também é espaço de formação humana, que aprender valores e atitudes, não é “perder tempo”. O professor tem importante papel na construção da formação humana dos alunos, mas para isso, este professor precisa ter uma formação humana consistente, que inacabada, está em constante construção.

Palavras-chave: Formação humana, Professor, Aluno, Escola.

Introdução

Este artigo aborda uma questão muito pertinente para uma reflexão atual acerca da importância do papel do professor na construção da formação humana dos alunos, bem como, dele próprio, para que assim, possa mediar com êxito esse processo. Far-se-á



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

um diálogo entre alguns autores a respeito da temática: Freire (1996), Arroyo (2013), Mochcovitch (1988) e Nosella (2010), aproximando suas teorias da temática a ser discutida. Ainda que, tais autores não tratem exclusivamente do assunto escolhido, mas certamente abrem espaços para que seus pensamentos se encaixem em vários aspectos, inclusive na formação humana do ser.

A sociedade capitalista atual demonstra tamanha importância nos conteúdos, por isso, a maioria das escolas está cada vez mais conteudista, preparando as crianças desde a mais tenra idade para o mercado de trabalho. Desde cedo, já se fala em “preparar para o vestibular”, sufocando muitas vezes os alunos, por ocupar todo o tempo com atividades voltadas para o crescimento relacionado aos conteúdos científicos.

Diante de tal realidade, se questiona: qual tipo de pessoas a sociedade está mais carente? De excelentes profissionais individualistas e em alguns casos desumanos? Ou de “gentes”, mais humanas, que lutem por uma sociedade melhor, que pensem no bem comum? Não seria uma preocupação da escola, para além de ensinar conteúdos, formar seres mais humanizados? Não seria necessário, preparar melhor os alunos para a vida e não somente para o mercado de trabalho? Por que se preocupar com tais questões, é considerado “tempo desperdiçado”? Tem o professor que se adequar as medidas cruéis do capitalismo, ou se contrapor as mesmas e lutar dentro e fora de sua sala de aula, por uma formação que objetive a luta por uma sociedade mais justa?

Pensar na importância do papel do professor na formação humana do aluno, não quer dizer que a cognoscibilidade não tenha valor algum, tampouco que seja o professor, único responsável por esse processo de formação humana. No entanto, o foco neste trabalho é o professor, como agente mediador e de papel importante nesta construção do ser. Partindo do pressuposto de que, sendo o professor, portador de uma formação humana consistente, que se faz e refaz a cada dia, este formará com muito mais propriedade seus alunos, e que em paralelo com os conteúdos, o mesmo se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

preocupa com a formação humana dos alunos, encarando-a como tão importante, quanto o saber formal.

Objetiva-se com este artigo, refletir sobre a importância do papel do professor na formação humana do aluno, sendo sujeito ativo e mediador neste processo e discutir sobre a formação do próprio professor como instrumento crucial nesta construção.

Metodologia

Este artigo é somente de cunho bibliográfico, com revisão de literatura das seguintes obras: Freire (1996), Arroyo (2013), Mochcovitch (1988) e Nosella (2010).

A pesquisa bibliográfica é de fundamental importância em qualquer trabalho científico, seja ele de abordagem quantitativa ou qualitativa, é a base para que o trabalho tenha fundamento. Triviños (1987, p.99) aponta que: “A revisão da literatura lhe permitirá familiarizar-se, em profundidade, com o assunto que lhe interessa”. Deste modo, discorrer-se-á acerca da temática, aprofundando-se nos pensamentos de Arroyo (2013), o qual fornece uma sólida reflexão acerca do currículo, no que diz respeito às experiências vivenciadas pelos alunos, bem como pelos professores, enfatizando estas, como tão importantes, quanto os demais conteúdos; em Freire (1996), que alarga a relação teoria-prática e enfatiza os saberes necessários à prática docente; reporta-se também a Mochcovitch (1988) e Nosella (2010), que menciona a relevância do pensamento de Gramsci, esclarecendo diversos conceitos e categorias essenciais para a construção da formação humana do ser social.

Resultados e discussão

A Educação Brasileira sempre foi planejada e executada de forma “interesseira”, ou seja, por trás dos planos educacionais, Leis, reformas e políticas públicas, havia e ainda hoje há interesses voltados para os benefícios do Estado. Ao



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

longo da história da Educação Brasileira, se percebe que esta oscila de acordo com as tendências pedagógicas que vão surgindo, em alguns momentos o que prevalece são os conteúdos e o professor, outros momentos, são os conteúdos e os alunos, por vezes, o psicologismo foi o foco, havendo um esvaziamento dos conteúdos. Todavia, é preciso também enfatizar que, no decorrer da história da Educação Brasileira, surgiam propostas de uma educação voltada para a vida, para a formação humana, sem anular a relevância que se têm os conteúdos, mas que as experiências de vida dos alunos ocupassem igual espaço na educação formal dos alunos.

Freire por exemplo, faz um alerta de que:

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. (1996, p. 52)

Assim, fica claro que, ensinar vai bem além da simples tarefa de transferir conteúdos, para que os alunos posteriormente resolvam uma “prova” e demonstre se aprendeu ou não, conseqüentemente, sendo aprovado ou reprovado. O ser-aluno e o ser-professor significam muito mais que os conteúdos curriculares que aprende e que ensina. Estes seres são históricos, dotados de experiências múltiplas, que têm valor, que foram e são responsáveis pela construção do seu ser. Neste sentido, Arroyo defende que:

Reconhecer e enfatizar a relação estreita entre experiência e conhecimento ou reconhecer que todo conhecimento tem sua origem na experiência social, como lembrávamos, não é apenas uma questão epistemológica a ser estudada nas teorias da produção do conhecimento. É um pré-requisito para entender por que as vivências dos educandos e dos educadores, as experiências das lutas, do trabalho e da condição docente são desprestigiadas e ignoradas, não apenas nos currículos, mas também nas políticas de valorização profissional. (2013, p. 117)

A forma como é construído os currículos escolares, descartando estas experiências sociais vivenciadas pelo educador e pelo educando, cooperam para que, cada vez menos se dê importância à formação humana do ser e que, cada vez mais se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

forme apenas mão de obra para o mercado de trabalho capitalista. Desse modo, a sociedade tende a se esvaziar de sujeitos ativos e críticos, que enxergam a realidade tal como ela é, mas que não se conformam diante dela, nem se adequam ao que o sistema capitalista os impõe. Gramsci, apesar de não ser brasileiro, mas que contribui com a reflexão que vem sendo feita neste texto, demonstra que a escola, mesmo com sua função reprodutora da sociedade, esta é capaz também de causar uma superação nos indivíduos, no que diz respeito à luta por uma sociedade melhor: “(...) a escola deve ser “capaz” de levar os indivíduos das mais diferentes classes sociais, sobretudo das classes subalternas, a uma condição de esclarecimento e de conhecimento de seus direitos e deveres em uma sociedade moderna.” (MOCHCOVITCH, 1988, p. 7)

É pertinente discutir sobre a formação humana do professor, para que esta possa contribuir com a construção da formação humana do aluno, tendo em vista que, se o professor detém uma postura um tanto autoritária, se costuma ser incoerente, se se posiciona de forma acrítica diante da sociedade vigente, que supervaloriza os conteúdos, entre outras características existentes, dificilmente este professor formará seus alunos para a vida, de maneira mais humana, aliás, um professor que se porta dessas atitudes, não se revela preocupado em formar sujeitos ativos e críticos para lutar por uma sociedade mais justa. O que também não quer dizer que, o professor seja o único espelho para o aluno, pois existem casos de professores assim, em que os alunos decidem seguir por outros caminhos. No entanto, bem sabe-se que o professor tem a capacidade de deixar marcas fortes em seus alunos, sejam elas positivas ou negativas.

O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar. (FREIRE, 1996, p. 15)

Então, é evidente que o fato de o professor ser dotado de conhecimentos científicos, não o isenta (se o mesmo for consciente disso) de buscar formar-se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

humanamente, ambas as formações podem existir e faz-se necessário no ser ao mesmo tempo. Ainda no pensamento de Freire, chama-se a atenção para esta questão:

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. (1996, p. 159)

Se o Estado não está preocupado em promover uma proposta para as escolas, a fim de que estas deem espaço para a formação humana do ser-aluno e do ser-professor, a própria escola, em especial os professores é que devem se decidir por tal formação, na qualidade de inconformados com o tipo de ser em que o Estado Capitalista deseja formar.

Em meio a essa cultura conteudista das escolas, exigida pelo sistema, quem mais sofrem são os alunos de classe baixa, vítimas direta ou indiretamente dos mais diversos preconceitos, advindos de realidades muitas das vezes cruéis, com seus direitos negados, portadores de uma cultura em sua maioria não letrada, o que não quer dizer que sejam sem cultura, mas que chegam à escola com ânsia de atingir a conquista de uma vida mais digna, e que frequentemente se deparam com o contrário. A escola, a começar pelo currículo, nega a relevância das experiências vivenciadas pelos educandos e pelos educadores, como se estas não fossem conhecimentos, e como se os conhecimentos não partissem de experiências sociais. Nesta linha de raciocínio, afirma Arroyo:

Constatamos que essa densidade teórica padece de um vazio por não ter avançado tanto no reconhecimento da base de todo saber, a experiência social. Uma das constatações mais destacadas nos encontros docentes, nos dias de estudo e nas oficinas sobre o currículo é que nele não são valorizadas as experiências sociais. Não apenas são ignoradas as experiências do trabalho docente que é necessário incorporar como é urgente trazer para os currículos mais experiências dos educandos e de seus coletivos de origem. Trazer as tensões postas na sociedade. (2013, p. 118-119)

O fato de a escola no geral não privilegiar a formação humana, inicia-se a partir do currículo, ao passo de que não se abre espaço para as experiências sociais, não



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

se valoriza as vivências dos educandos e educadores, esta situação demonstra a carência de formação humana, pois o que se revela mais interessante, são os conteúdos sistematizados, transmitidos geralmente desconectados da realidade, onde boa parte de alunos se perguntam para quê serve aprender sobre tal assunto. Pois, como diz Arroyo: “Quando os currículos são pobres em experiências sociais seus conhecimentos se tornam pobres em significados sociais, políticos, econômicos e culturais para a sociedade”. (idem, p. 119)

Pode parecer “romântico” tratar de formação humana, mas tal categoria, não se trata de preparar o ser-professor e o ser-aluno para exercer o papel de alienado, não se trata de calar diante dos conflitos sociais, ou até mesmo de se posicionar de forma neutra; pelo contrário, dizer sim a formação humana é “assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização”. (FREIRE, 1996, p. 11)

No pensamento de Gramsci, a escola poderia exercer justamente a oportunidade de fazer a classe subalterna superar-se do senso comum e chegar ao bom senso, para que assim, alcançasse os mesmos direitos, ou seja, atingisse a condição de intelectual orgânico. Destarte, Mochcovitch esclarece:

(...) entende que é possível superar esse conformismo e essa adesão, na medida em que as classes subalternas, uma vez de posse dos códigos das classes dominantes transmitidos por uma escola eficiente, venham a saber manipulá-los contra a ordem dominante. É preciso, pois, saber se apoderar desses instrumentos impostos de cima para baixo e transformá-los em arma de luta. (1988, p. 8)

A classe dominante, de fato domina todo o entorno da escola, tanto burocraticamente, nos mais diversos documentos, nos currículos, nos livros didáticos, como no setor pedagógico, sufocando o professor de programas os mais diversos, com “interesses” quantitativos, não somente no que diz respeito ao nível dos alunos, por medidas de notas, mas economicamente mesmo. De encontro a esta realidade, Nosella explicita o pensamento de Gramsci, que:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(...) destaca a relação profundamente orgânica da escola tradicional do passado com a sociedade (vida-história) tradicional passada. Elogia seu caráter “desinteressado”, uma vez que o ensino das línguas greco-latinas na escola tradicional não era um ensino “profissionalizante”, no sentido “interessado”, e sim “formativo-desinteressado”, porque se ensinava grego e latim não para o uso e necessidade imediatos e sim para assimilar valores ético-culturais (ciência histórica) das civilizações que falavam aquelas línguas e, ao mesmo tempo, para adquirir mecanismos lógicos e habilidades técnicas próprias da gramática daquelas línguas (ciência lógica). (2010, p. 160)

A esperança está nas escolas como um todo, mas especificamente, nos professores que não se adequam tal e qual o sistema impõe, mas que tendo um olhar crítico para a sociedade atual, a qual é adequada aos ensejos do Estado, na sua sala de aula, dentro do ambiente escolar e fora dos muros da escola, luta não somente com seus discursos, mas com suas atitudes coerentes. Como salienta Freire (1996, p. 11): “De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável às mudanças”. Enquanto não se modifica os currículos esvaziados de experiências sociais, enquanto se tem que cumprir todos os programas em determinados prazos, para prestação de contas, por outro lado, a luta por mudanças não pode se estagnar, as práticas pedagógicas podem ir além livro didático, além currículo exigido, além pressões do sistema e às vezes da própria gestão escolar.

No entanto, como reflete Arroyo:

A preocupação dos (das) professores (as) é com o desinteresse dos alunos (as) pelos conhecimentos, o que suscita a questão: essa pobreza não levará ao desinteresse por sua aprendizagem e até por seu ensino? Não podemos ver aí uma das causas mais sérias do mal-estar docente e discente? Inclusive uma das causas dos baixos desempenhos nas avaliações escolares e nacionais. Que interesse podem ter crianças e adolescentes, jovens ou adultos de ouvir e aprender noções, conceitos, leis pobres em significados porque são pobres em experiências sociais, culturais, humanas que os tocam tão de perto? (2013, p. 120)

Em consonância com o que vem sendo refletido, é pertinente abordar o quão necessário se faz a formação continuada do docente, de qualidade, que proporcione ao docente, o crescimento de sua formação humana. Formações estas que levem em



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

consideração as necessidades que os próprios docentes têm em relação ao seu entorno escolar; que se abra espaço para se discutir acerca do currículo; e que não seja apenas o nível de aprendizagem dos alunos, no que diz respeito aos conteúdos formais, que tenham maior prioridade. De acordo com Freire (1996), a formação docente deve caminhar ao lado “da reflexão sobre a prática educativo-progressiva em favor da autonomia do ser dos educandos”. (p. 14) Pode-se dizer que, a formação continuada dos docentes poderia promover condições para que o professor se assumisse enquanto intelectual orgânico, que na visão de Gramsci, segundo Mochcovitch:

Os intelectuais orgânicos não são apenas os grandes intelectuais, criadores de teorias, como Marx, Lenin, ou Trotski, ou os formuladores de estratégias políticas. São aqueles que difundem a concepção de mundo revolucionária entre as classes subalternas. São aqueles que se imiscuem na vida prática das massas e trabalham sobre o bom senso, procurando elevar a consciência dispersa e fragmentária das massas ao nível de uma concepção de mundo coerente e homogênea”. (1988, p. 18)

Um professor intelectual orgânico não estaria preocupado somente com sua sala de aula, com suas disciplinas e com o nível de aprendizado dos alunos, mas em formar outros intelectuais orgânicos, com pretensões de mudanças, de ação para além dos muros da escola. No entanto, as políticas de formação continuada, embora tenham se ascendido, não têm priorizado situações mais emergentes, as quais estejam mais ligadas a uma transformação da prática pedagógica, em práxis pedagógica e formação humana. Boa parte das formações continuadas acontece em forma de “capacitações”, “treinamentos” ou ainda “aperfeiçoamento” para os professores, com temas abordados, não dificilmente distantes da realidade dos professores e das escolas as quais lecionam, o que contribui para certo desânimo dos mesmos em relação a estas formações, e em consequência, isso acaba se refletindo em alguns casos, na sala de aula, onde os conteúdos curriculares se tornam primários e as experiências sociais sendo descartadas.

De encontro a estas posturas, Arroyo esclarece que:

(...) se toda experiência social produz conhecimento uma das funções do tempo de escola será educar a sensibilidade dos (das) educadores (as) e dos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(das) educandos (as) ao longo do percurso de formação para captar e conhecer a rica pluralidade de experiências sociais que tornam dinâmica e tensa a sociedade. Mostrar as relações sociais, políticas, culturais em que essa riqueza de experiências vão conformando nossa história. Em que se enreda a história dos (das) educadores (as) e dos (das) educandos (as) e as experiências individuais e coletivas que marcam suas experiências. (2013, p. 124)

A escola pode ser encarada como espaço de formação permanente, lugar onde se constroem saberes os mais diversos, através das trocas de ideias, de experiências e das diferentes realidades que se apresentam. Tais saberes têm seus valores e se faz necessário serem reconhecidos. Certamente, esses saberes produzidos no âmbito escolar, formam com mais consistência, tanto os educandos, como os educadores, do que essas formações continuadas promovidas em desconexão com as realidades das escolas. O cotidiano escolar ensina muito, ambos (professor e aluno) aprendem uns com os outros, com o que cada um traz, quase sempre havendo uma superação do senso comum para o bom senso, como trata Mochcovitch a respeito do pensamento de Gramsci:

É, pois, sobre esse bom senso – núcleo sadio do senso comum – que se deve trabalhar, procurando desenvolvê-lo e transformá-lo em consciência de classe, ou seja, concepção de mundo coerente e homogênea. E trabalhará-lo contra o senso comum no qual está entranhado e do qual deve ser recuperado como núcleo de uma consciência que ultrapasse o senso comum. (1988, p. 16)

Em contrapartida, é real que nem toda escola é vista como espaço de formação, e que de fato, no interior não se abre espaço para a construção da formação humana. Para que isso aconteça, os professores ocupariam a posição de sujeitos ativos neste processo, comprometido com o ser aluno, mas também com o ser humano, humanizado, com o ser crítico e reflexivo, com o ser inconformado diante de situações desumanizadoras, com o ser que cumpre com seus deveres de cidadão, mas que luta pelos seus direitos e pelos direitos dos outros. Se assim não for o professor, tampouco se formará alunos comprometidos com as causas mais urgentes que estão destruindo a humanidade, tais como: a miséria, a fome, a seca, a desigualdade social, os



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

preconceitos, o uso desequilibrado com as riquezas naturais, devastando o meio ambiente, a corrupção, etc. Se formará excelentes profissionais (talvez), que vão exercer seus cargos, com objetivos de crescimento individuais, um ser social, que nada tem com que se comprometer com as causas sociais, um ser alheio e neutro aos problemas existentes ao seu redor. Conforme o que vem sendo relatado, se questiona novamente: Qual tipo de ser humano, a sociedade atual mais precisa?

Conclusão

Diante dos pontos levantados acerca da formação humana, conclui-se que não é preocupação do sistema capitalista que move todos os setores, inclusive o setor educacional, de formar seres críticos que venham a “prejudicar” o próprio sistema; não é intenção do Estado, implantar políticas públicas de formação continuada para os docentes, para que estes fiquem cada vez mais “espertos” para com as artimanhas do sistema, e que mais capacitados, formem outros sujeitos ativos, que vão se opor ao sistema vigente; nem tampouco é pretensão do Estado capitalista elitista, elevar as massas a um nível além, nem nos conhecimentos, nem nas condições financeiras, afinal o capitalismo necessita do pobre para explorar, sem a exploração não existe capitalismo.

Diante disso, se faz jus enfatizar que, é através da conscientização, da superação do senso comum, na luta dos que já estão numa condição de maior esclarecimento, juntamente com os que vão tendo também esta oportunidade, que as mudanças podem ir acontecendo. É na sala de aula que o professor pode ir formando seus alunos para a vida, é fazendo um trabalho de conscientização da sociedade, como ela se mostra e de fato como ela é realmente, pois se sabe das máscaras que compõe o sistema capitalista como um todo. É no âmbito escolar, que o professor vai formando e sendo formado, concebendo a formação humana como urgente e tão importante, quanto os conteúdos escolares formais, por isso não a deixa de lado, sem espaço nas aulas. É também, fora da escola que as lutas devem acontecer, afinal, a formação se dar, afim de que haja um posicionamento dos sujeitos ativos, na sociedade de forma mais



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

humanizadora, de outro modo, o que se ensina e se aprende na escola, é para ser praticado para além dos muros da própria escola, assim como o que se vivencia fora da escola, ou seja, as experiências sociais, devem ser refletidas dentro da escola, havendo uma maior conscientização.

Assim, ainda se confia que, a escola, ambiente composto de professores e alunos que tem voz e vez, unidos possam não se render às armadilhas que o Estado Capitalista coloca, inclusive, a questão de transformar os alunos e os professores em máquinas do conhecimento, para serem competidores no mercado de trabalho e servirem a este sistema, que desumaniza o ser humano, tornando-os seres individualistas, incapazes de lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, 1996.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. São Paulo: Ática, 1988.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. São Paulo: Cortez, 2010.